



## “(POP)PORNOCULTURAS” NACIONAIS: ANÁLISE IMAGÉTICA SOBRE A PRODUÇÃO DE CORPOS NUMA PELÍCULA PORNOGRÁFICA

### *Eixo Temático 03*

Conrado Alencastro da Silva Silveira Bueno<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho trata sobre as produções corporais, detendo-se especificamente no filme pornográfico nacional denominado "Funk com Gaiola das Popozudas", produzido pela produtora de cinema pornô nacional intitulada "Brasileirinhas". Debruçou-se junto às imagens que circundam o imaginário social relacionado às corporeidades brasileiras em concomitância com outras tramas subjetivas e identitárias. A indústria pornográfica representa e performatiza com essas imaginações que perpassam os corpos brasileiros como um território de passagem discursivo em suas vias sexuais. O objetivo da pesquisa foi analisar imagens da produção em questão com uma amarração teórico-conceitual a partir do conceito de "Pornocultura". A seleção da película se deu em seu caráter qualitativo não probabilístico e intencional, sendo escolhidos momentos de cenas por meio de *prints* do filme para a devida análise imagética. Os resultados do trabalho demonstram a racialização e a hipersexualização tanto do corpo negro brasileiro quanto da mulher brasileira; sendo um através da rostificação do pênis negro e outro através da rostificação e hiperbolização da bunda da mulher brasileira, assim como o apontamento da bunda do homem negro como ponto de interesse e prazer pelo mesmo no ato sexual. Conclui-se que os filmes pornográficos produzem modos de ser e estar no mundo em relação com os nossos corpos, em mescla com outras matrizes identitárias e subjetivas, entendendo-se a pornografia como produtora de cultura.

**Palavras-chave:** Corpos. Pornografia; Produções pornográficas brasileiras.

#### PORNOGRAFIAS, “PORNOCULTURAS” E “(POP)PORNOCULTURAS”

Os modos de ser e estar brasileira e brasileiro no mundo possuem suas circunstâncias e contextos constituídos e constituintes em suas produções subjetivas e identitárias. Um território para essas construções é o corpo, em específico o corpo brasileiro.

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade do Rio Grande do Sul - PPGCMH-UFRGS, [conrado.bueno25@gmail.com](mailto:conrado.bueno25@gmail.com).

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



O corpo brasileiro é importante, singular e sistêmico nacional. Ele é apresentado e pesquisado por diferentes perspectivas e pontos de vista e, até certo ponto, esse corpo possui um intenso destaque no qual é demarcado como componente fulcral da subjetividade e identidade brasileira. O corpo compõe o território (relação socioespacial) dos modos de ser e estar brasileiras e brasileiros em composição com as diferentes matrizes identitárias e subjetivas: a paisagem geográfica, a música, o cinema, o gênero, a raça, etc.

Atualmente o corpo se manifesta de forma majoritária por vias visuais, digitais e selvagens através da rede mundial de computadores. A sexualidade como manifestação corporal, em composição com as produções intertextuais, encontra-se constantemente performada e representada em suas mais diversas maneiras. Uma dessas maneiras de apresentar o corpo brasileiro na rede se dá através de produções pornográficas. Cabe incitar que as representações e performances presentes nas produções pornográficas no âmbito digital não se caracterizam somente pela exposição e a apresentação de corpos em cenas de atos sexuais e/ ou das partes íntimas em diversas tipologias (sexo oral, anal, entre outros) mas sim uma organização intertextual discursiva que percorre o universo digital e que costura o imaginário social do corpo brasileiro em suas inúmeras possibilidades de manifestações corporais brasileiras.

Isto posto, o questionamento desta pesquisa ocorre da seguinte maneira: como se dá a produção de corpos brasileiros em produções pornográficas brasileiras? Será que essas produções acumulam legados sobre as produções culturais relacionadas às narrativas de corpos femininos e masculinos brasileiros? O objetivo principal da pesquisa é a análise de imagens de uma produção pornográfica brasileira. Sendo assim, o primeiro objetivo específico é analisar a produção de corpos nas imagens produzidas na produção pornográfica brasileira. Já o segundo objetivo específico é a amarração teórico-discursiva a partir do conceito de “pornocultura” (Attimonelli, 2017).

A palavra pornografia é atravessada por diversas explicitações. Ela perpassa pesquisas em suas mais diferentes vertentes (feministas, cinema, tecnologias comunicacionais e informacionais, entre outras). A pornografia também sempre é mesclada em conjunto com outros termos, tais como *obsceno* e *erótico*, por exemplo. Ademais, a pornografia tem origem na língua grega e, em sua literalidade, significa: “[...] ‘escrito concernente às prostitutas’, isto é, todo texto que descreve a vida, os modos e os hábitos de prostitutas e proxenetas” (Marzano, 2012, p. 810). Ainda em Marzano, a autora borra a palavra “erotismo” juntamente com as palavras “gozo”, “pornografia” e “sexualidade”, de forma que propõe que a palavra

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

“obsceno” possui uma certa ambiguidade, sendo utilizada pela pornografia como uma palavra guarda-chuva, destacando, assim, seu sincretismo.

Com o advento das novas tecnologias midiáticas que são reproduzidas de maneira incessante e que fazem mescla com as tecnologias analógicas já existentes, as produções pornográficas tomam proporções inimagináveis. O corpo se liberta de produções literárias canônicas, eruditas, livrescas e oficiais.

[...] O corpo, que a época das narrativas legitimadoras ocupava o polo [sic.] negativo da dicotomia classificatória, agora se libera e se inventa em discussões, em produções que reconfiguram os estatutos do real e irreal, privado e público, natureza e cultura. A discussão dá ensejo a pensar os limites do corpo e suas possibilidades de significar (Villaça, 1997, p. 38).

Ao tratar de imagens, elas reproduzem o que está traçado cotidianamente, de acordo com a gama de ações que cada um compartilha, de quaisquer maneiras com o que é absorvido como educacional e terapêutico, de acordo com as demandas e os desejos individuais e coletivos; ou seja, tanto as demandas e os desejos próprios, quanto os alheios (Preciado, 2017). O corpo toma proporção através da hiper-realidade das imagens que são produzidas na internet. O real é amplificado, ele é mais real do que o próprio, construindo assim outras tantas realidades que cercam a sociedade, cujos membros dela, as e se produzem. Dessa maneira, o corpo passa por uma expansão e, assim como destaca Sander (2011, p. 131), “[...] nos ocupa, mas não só; invade-nos, está presente a todo o momento. Suas imagens, suas transformações, sua saúde, sua beleza, seu prazer. É quase opressiva, a presença do corpo no nosso dia-a-dia [sic.], principalmente através da mídia”.

Aqui a pornografia é problematizada a partir dos “Estudos Pornográficos”, ou, como também conhecido, *Porn Studies*. Williams (2012), quando pensa em discutir a perspectiva sexual sob o escopo dos “Estudos Pornográficos”, situa que a imagem: “[...] não pode ser compreendida a não ser como parte de uma história social e cultural do sexo” (p. 21). Através da imagem, o corpo deixa de ser corpo e se transforma para Couto (2015, p. 17), “[...] em texto, no caso, em hipertexto, aguardando combinações sensoriais que permitem a estimulação contínua na esfera pública, a partir das experiências extracorpóreas e transsexuais”.

A pornografia se transformou recentemente em “pornocultura”. Attimomelli & Susca (2017) explicitam que a contemporaneidade da “pornocultura”: “[...] diz respeito não a um setor de nicho de oferta midiática, mas a um eixo simbólico, um paradigma estético, uma sensibilidade difusa de nosso tempo e do contexto social” (p. 8). No entanto, é interessante

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

frisar que a “pornocultura” não é gênero, mas de fato constitui uma do ramo pornográfico. Um número importante de produções pornográficas não é produzido por empresas do mercado majoritário pornô, mas também por um contingente outro e grande de grupos e personagens que compõem outras órbitas ecológicas pornográficas. A experiência pornográfica pode estar muito além da borda que divide a indústria de outras formas de manifestação e expressão das “pornificações de si” (Baltazar, 2014).

Por entre as diversas estratégias de produção de corpos e sexos que as tecnologias informacionais e comunicacionais propiciam, de acordo com as suas inovações, tais ações podem influenciar em importantes mudanças culturais. Mudanças que circulam no e pelos movimentos societários e também, numa via de diversas mãos, podem ser invocadas pelas influências que são engendradas por tais movimentos, mediatizados. A mediatização (Hepp, 2014) é um conceito que serve na relação entre mudanças midiáticas e de sociedade. Sendo assim, as imagens pornográficas podem levar modos de ser e estar no mundo para pessoas que não precisam mais cruzar fronteiras territoriais e, assim, podem aprender com essas imagens compartilhadas, possíveis compositoras de “(pop)pornoculturas”.

A seleção da película analisada se deu em seu caráter qualitativo não probabilístico e intencional (Gil, 2002, p. 90). A película em questão (“Funk com Gaiola das Popozudas”) teve a sua importância dentro do universo pornô de sua época. A produtora “Brasileirinhas” ingressava de maneira intensa no mercado da indústria com um ciclo de filmes do gênero “sexo grupal” e, até hoje, continua produzindo obras nessa temática. O “Funk com Gaiola das Popozudas” foi um dos primeiros filmes desse gênero, que mescla as temáticas do funk, carnaval e sexo, produtos culturais brasileiros pertinentes para a análise imagética em questão. De acordo com a sinopse supracitada da película (Brasileirinhas, 2020), sua trilha sonora é composta pelos pancadões do funk “proibidão” do grupo musical Gaiola das Popozudas. Vale dizer que o grupo surgiu no início do século, na cidade do Rio de Janeiro e se projetou nacionalmente no ano de 2007 com os sucessos musicais *Atoladinha*, *A pica dele é minha* e *Um otário para bancar*.

A devida análise categorial (“Sai, seu pica mole”) é fruto do trabalho final desenvolvido junto ao curso de pós-graduação realizado pelo autor da respectiva produção textual (Bueno, 2020). Os termos, os conceitos e as palavras que intitulam os respectivos momentos de cena respeitam a setlist (ordem das canções) cantadas no decorrer da produção pornográfica brasileira.

### CENA FÍLMICA



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade  
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Em tal momento, ao som da música de Valesca, Ed Júnior se exercita semi nu. Ele executa um movimento muscular chamado rosca direta. É um exercício que ativa a região anterior do braço, fortalecendo e hipertrofiando principalmente o músculo bíceps braquial. Enquanto isso, Pamela Butt comparece na cena e observa Ed na execução do exercício. No decorrer da cena, ela se aproxima dele de maneira sensual e, de repente, retira a cueca de Ed enquanto este continua a focar-se na execução dos movimentos. Pamela também retira suas vestimentas e se aproxima de maneira incisiva e próxima de Ed. Ela continua a sensualizar e seduzir o personagem. No entanto, o rapaz continua focado no seu treinamento físico. Pamela percebe, pela postura de Júnior, que um envolvimento íntimo sexual não irá ocorrer e assim se retira com seus reclames e desapontamentos. Importante destacar que, nesta cena, o pênis de Ed Júnior não enrijeceu, ponto principal de interesse da mulher que desejava tal acontecimento.

Na cena citada, os corpos nus são colocados a repensar como se dão os processos de racialização e hipersexualização. Primeiramente, o homem negro, retratado na pornografia, sempre é apresentado a partir de um corpo hiperbolizado junto às suas estruturas corporais, principalmente destacado pelo tamanho do seu pênis (Pinho, 2012). Há um processo de naturalização do corpo do homem negro que, a partir da “pornocultura”, o caracteriza como alguém moldado excepcionalmente para os atos e as performances sexuais, sendo interessante e pertinente para tais questões. “O pênis gigante e as mãos negras emolduram uma imagem de animalidade e repulsa, mórbida, selvagem e fascinante [...]” (Pinho, 2015, p. 219). Destaca-se, ademais, que isso ocorre não somente em relação a essas partes específicas, mas sim em relação a toda a sua estrutura corporal.

Assim, o homem negro possui suas ações sexualizadas e transversalmente racializadas já que sua condição de ser e estar no mundo está envolta com a hipercorporalização na sociedade, em específico na cena pornô.

[...] “Ser negrão de verdade” implica presumir a atribuição de manter-se em cena como uma máquina de sexo: além de “ter a pegada”, dever ser (super) dotado de um pênis enorme, ser um animal na cama, dançar bem, ter habilidades para esportes e outras tarefas manuais, ter força física descomunal, além de jamais recuar perante uma ameaça, mesmo que implique o violento (e nem por isso menos glorioso) dilaceramento de seu corpo... O homem negro deve ser “macho ao quadrado” em todas as situações exigidas, e só a partir destes atributos será reconhecido (Knoski, 2014, p. 91).



O homem negro se evidencia na hiperapropriação na busca de atributos voltados especificamente para a centralidade do seu corpo, principalmente com regiões corporais que são extremamente solicitadas para a construção e a produção imagética da cena pornô. Toda uma organização estrutural de seu corpo deve e precisa ser hiperbolizada para que a gestão técnica da imagem se sincronize de forma ideal com a administração técnica do corpo.

No entanto, a cena analisada destaca uma certa ironia e paródia sobre essa questão, visto que quando Pamela tenta manifestar o seu desejo e vontade junto a Ed, este não se apeetece. A cena propõe discutir que nem todas as atuações que envolvem os corpos de homens negros devem e precisam estar em performances e atos sexuais unicamente. A própria pornografia heteronormativa humoriza e brinca com uma situação que pode ocorrer com diversos homens, o desinteresse de se envolver íntima e sexualmente em um determinado momento com uma determinada pessoa.

Também Pamela Butt se apresenta corporalmente com certas hipérboles corporais na imagem. Com um corpo tonificado, malhado e bronzeado, a personagem individualiza uma construção sócio histórico-cultural da mulher brasileira. O corpo bronzeado de Pamela Butt entrecruza características ditas de uma “brasilidade” como matriz identitária e subjetiva de evidências estereotipadas sobre a mulher brasileira. O litorâneo, sinônimo de praia, um dos lugares onde pessoas vão para conviver se encontra como:

[...] categoria (...) do “Brasil Paraíso”: ideia relacionada ao Eden, aos atrativos naturais e paisagísticos e às características descritas na carta de Pero Vaz de Caminha na época do descobrimento. A segunda categoria se dá em relação a ideia da sensualidade, libertinagem e a beleza da mulher brasileira, sendo o “Lugar do Sexo Fácil” (Castro, 2014, p. 38).

Tais corpos caracterizados como brasileiros são mobilizados a partir de sua hipervisibilização no decorrer da produção imagética pornô em questão. A atriz e o ator, caracterizados junto ao conjunto de identidades e subjetividades, as quais são mobilizadas pela película, realizam a mobilização de signos, símbolos e significados sociais arquitetados no transcorrer da cena pornográfica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se debruçou junto às imagens que circundam o imaginário social relacionado às corporeidades brasileiras em concomitância com outras tramas identitárias e

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde e Sustentabilidade

subjetivas. Aqui, a indústria pornográfica se problematiza com essas imaginações que perpassam os corpos brasileiros como um território de passagem discursivo em suas vias sexuais.

As produções pornográficas se popularizaram em definitivo na rede mundial de computadores. Elas estão alocadas de maneira intensa e densa nas mais diversas plataformas e costumam uma multiplicidade de desejos, necessidades e demandas. O que antes era apenas pornografia (fotografias e filmes), agora percorre trajetos outros. A pornografia se coloca como artefato cultural na internet e assim se populariza como uma das vertentes da cultura pop. Isto posto, podemos afirmar que as produções pornográficas são produções “(pop)pornoculturais”.

A pornografia pode ser considerada como um importante campo de pesquisa de diálogo e discussão. Ela se enaltece como uma encruzilhada por entre diferentes práticas de pensamento em suas tantas inclinações (feministas, raciais, sexuais, tecnológicas informacionais e comunicacionais etc.) e também de seus possíveis maus usos, como, por exemplo, a pornografia de revanche. No entanto, o diálogo e a discussão sobre essa temática podem se dar em seu aspecto positivo em relação a temáticas que atravessam as produções pornográficas em sua radicalidade. No espriamento dos corpos propostos nas e pelas redes telemáticas, as produções pornográficas esgarçam e torcem as instituições clássicas e seculares que até hoje tentam regular nossas identidades e subjetividades. As personagens jogam com suas imagens a considerar a sexualidade como importante matriz identitária e subjetiva que ressignifica maneiras de ser e estar no mundo em conjunção com corpos, sexos, gêneros e sexualidades. Cabe reforçar que todas as matrizes identitárias e subjetivas apontadas durante o desenvolvimento não devem ser generalizadas e totalizadas. Quando o assunto é pornografia, a complexidade sobre o assunto deve imperar como ponto de problematização junto ao tema.

Vale reforçar, então, que a produção pornô analisada em questão hipervisibiliza o tropo corporal do quadril, tanto feminino quanto masculino em sua importância, tendo em vista, principalmente, a região posterior corporal feminina, onde podem se situar também a vagina e o ânus. Assim, essa imagem se mescla, na maioria das vezes, com a hipervisibilização da região corporal anterior do quadril masculino, onde se situa o pênis. Por se tratar de uma película pornô, não necessariamente todas as produções pornográficas percorrem em sua hipervisibilidade essas respectivas topologias corporais. Aqui, a produção define uma tipologia cênica que é característica de produções pornográficas que dialogam com o contexto cultural corporal brasileiro.



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde e Sustentabilidade



Este trabalho é uma tentativa de escapar às sustentáveis porreidades nas mais diversas circunstâncias e contextos existenciais. A pornografia é um maneirismo desse repensar. Não existe encabulamento que impeça os acontecimentos que circundam o que pode estar envolvido por entre as produções pornográficas. Maneiras que podem produzir outros modos de perceber e sentir o mundo em acordo com nossos desejos, atrações e prazeres.

### REFERÊNCIAS

ATTIMONELLI, Claudia.; SUSCA, Vincenzo. **Pornocultura: viagem ao fundo da carne.** Editora Sulina. Porto Alegre. 2017.

BALTAR, Mariana.; BARRETO, Nayara. As pornificações de si em Diário de Putaria. **Revista Crítica Cultural**, v. 9, n. 2, 2014.

BUENO, Conrado A. **(Pop)pornoculturas brasileiras: análise imagética sobre a produção de corpos numa produção fílmico-pornográfica.** Trabalho de conclusão do curso de especialização em Cultura Pop. Programa de Pós-graduação em Teologia. Faculdades Est. São Leopoldo. 2020.

CASTRO, Ana L.; PINTO, Renata P. Corporalidade brasileira na fabricação da identidade nacional. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 50, n.1, jan./abr., 2014, p. 38.

COUTO, Edvaldo S. Vida privada na esfera pública. **Revista Entreideias - Educação, Cultura e Sociedade**, v. 4, n. 1, jan./jun., 2015, p. 17.

FUNK COM GAIOLA DAS POPOZUDAS. **Brasileirinhas**, 2020. Disponível em: <<https://www.brasileirinhas.com.br/filme/funk-com-gaiola-das-popozudas.html>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 90.

MARZANO, Michela. **Dicionário do corpo.** São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 810.

NKOSI, Deivison. **O pênis sem falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo.** São Paulo, Editora Cultura Acadêmica, 2014, p. 91.

PINHO, Osmundo Santos de A. Putaria?: Masculinidade, negritude e desejo sexual no pagode baiano. **Maguare**, Bogotá, v. 29, 2015, p. 219.

PINHO, Osmundo Santos de A. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. Cadernos **Pagu**, Campinas, 2012.

PRECIADO, Paul B. “Cartografias Queer”: O ‘Flâneur’ Perverso, A Lésbica Topofóbica e a Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia ‘Zorra’ com Anne Sprinkle”. **eRevistas Performatus**, Inhumas, ano 5, n. 17. jan. 2017.

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Identidade

SANDER, Jardel. Corpo-dispositivo e a arte da sustentabilidade de criação artística. **ArtCultura - Revista do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia**, v. 13, n. 23, jan./jun., 2011, p. 131.

VILLAÇA, Nízia. Uma narrativa de celebração. **Revista Logos: comunicação e universidade**, v. 4, n. 1, jan./jun., 1997, p. 38.

WILLIAMS, Linda. Screening Sex: revelando e dissimulando o sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, jan./jun., 2012. p. 21.